

136

**O “ovo do Diabo” e os jogadores de futebol
como pastores neopentecostais**

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitora: Roselane Neckel

Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Paulo Pinheiro Machado

Chefe do Departamento de Antropologia: Miriam Furtado Hartung

Sub-Chefe do Departamento: Oscar Calavia Sáez

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Alicia Norma González de Castells

Vice-Coordenadora do PPGAS: Evelyn Martina Schuler Zea

ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

Editores responsáveis

Alicia Norma Gonzalez de Castells

Edviges Marta Ioris

Rafael Victorino Devos

Conselho Editorial do PPGAS

Alberto Groisman

Alicia Castells

Antonella Imperatriz Tassinari

Carmen Rial

Edviges Ioris

Esther Jean Langdon

Evelyn Schuler Zea

Gabriel Coutinho Barbosa

Jeremy Paul Jean Loup Deturche

José Kelly Luciani

Maria Eugenia Dominguez

Márnio Teixeira Pinto

Miriam Furtado Hartung

Miriam Grossi

Oscar Calávia Saez

Rafael Victorino Devos

Rafael José de Menezes Bastos

Scott Head

Sônia Weidner Maluf

Théophilos Rifiotis

Vânia Zikán Cardoso

Conselho Editorial

Alberto Groisman, Alicia Castells, Antonella Imperatriz Tassinari, Carmen Rial, Edviges Ioris, Esther Jean Langdon, Evelyn Schuler Zea, Gabriel Coutinho Barbosa, Jeremy Paul Jean Loup Deturche, José Kelly Luciani, Maria Eugenia Dominguez, Márnio Teixeira Pinto, Miriam Furtado Hartung, Miriam Grossi, Oscar Calávia Saez, Rafael Victorino Devos, Rafael José de Menezes Bastos, Scott Head, Sônia Weidner Maluf, Théophilos Rifiotis, Vânia Zikán Cardoso

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Antropologia em Primeira Mão

2013

Antropologia em Primeira Mão é uma revista seriada editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Visa à publicação de artigos, ensaios, notas de pesquisa e resenhas, inéditos ou não, de autoria preferencialmente dos professores e estudantes de pós-graduação do PPGAS.

Copyleft

Reprodução autorizada desde que citada a fonte e autores.

Free for reproduction for non-commercial purposes, as long as the source is cited.

Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2011 - v.**136**; 22cm
ISSN 1677-7174

1. Antropologia – Periódicos. I. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

Toda correspondência deve ser dirigida à
Comissão Editorial do PPGAS
Departamento de Antropologia,
Centro de Filosofia e Humanas – CFH,
Universidade Federal de Santa Catarina
88040-970, Florianópolis, SC, Brasil
fone: (48) 3721-9364 ou fone/fax (48) 3721-9714
e-mail: revista.apm@gmail.com

O “ovo do Diabo” e os jogadores de futebol como pastores neopentecostais

Carmen Rial

Resumo: A presença do neopentecostalismo no futebol é o novo nexa entre futebol e religião que a antropóloga Carmen Sílvia Rial examina em seus recentes estudos. O fenômeno, disse a pesquisadora na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line, coincide com o “aumento meteórico das igrejas evangélicas no Brasil”. E complementa: “É o caso dos jogadores de futebol. A doutrina conhecida como Teologia da Prosperidade está na base das igrejas evangélicas que tiveram maior sucesso no Brasil. Assim, a Modernidade não apenas não acabou com a religião, como previam alguns, mas a reforçou, como é o caso do neopentecostalismo”. De acordo com Rial, “o neopentecostalismo oferece uma cosmologia capaz de integrar as novas experiências de vida desses jogadores (a experiência de viver no exterior, de solidão) assim como possibilita, para os jogadores-celebridades, viver como milionários sem culpa. Ao contrário do catolicismo que prega a simplicidade e concentra-se na vida após a morte, o neopentecostalismo faz das riquezas materiais prova de um bom diálogo com Deus”.

Palavras-chaves: jogadores de futebol, neopentecostalismo, Brasil

Abstract:

The presence of neo-Pentecostalism in football is the new link between football and religion, which is what Anthropologist Carmen Rial investigates in her recent studies. The researcher said, in an interview given by e-mail to IHU On-Line, that this phenomenon coincides with the "meteoric rise of Evangelical churches in Brazil."

She adds: "This is the case with football players. The doctrine known as Prosperity Theology is at the base of Evangelical churches that have been most successful in Brazil. Thus, modernity not only did not end religion, as some predicted, but strengthened it, as is the case with neo-Pentecostalism. "According to Rial, "neo-Pentecostalism offers a cosmology that is able to integrate the new life experiences of these celebrity players (the experience of living abroad and of loneliness) with allowing them to live like millionaires without feeling guilty. Unlike Catholicism, which preaches simplicity and focuses on life after death, neo-Pentecostalism claims that material riches are proof of a good dialogue with God."

Keywords: football players, neo-Pentecostalism, Brazil

O “ovo do Diabo” e os jogadores de futebol como pastores neopentecostais

Carmen Rial¹

A presença do neopentecostalismo no futebol é o novo nexos entre futebol e religião que a antropóloga Carmen Rial examina em seus recentes estudos. O fenômeno, disse a pesquisadora na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line, coincide com o “aumento meteórico das igrejas evangélicas no Brasil”.

E complementa: “É o caso dos jogadores de futebol. A doutrina conhecida como Teologia da Prosperidade está na base das igrejas evangélicas que tiveram maior sucesso no Brasil. Assim, a Modernidade não apenas não acabou com a religião, como previam alguns, mas a reforçou, como é o caso do neopentecostalismo”. De acordo com Rial, “o neopentecostalismo oferece uma cosmologia capaz de integrar as novas experiências de vida destes jogadores (a experiência de viver no exterior, de solidão) assim como possibilita, para os jogadores-celebridades, viver como milionários sem culpa. Ao contrário do catolicismo que prega a simplicidade e concentra-se na vida após a morte, o neopentecostalismo faz das riquezas materiais prova de um bom diálogo com Deus”.

Confira a entrevista feita por Márcia Junges:

IHU On-Line – Qual é a relação que podemos estabelecer entre futebol e religião?

Carmen Rial – Futebol e religião são fáceis e interessantemente relacionáveis – não exclusivamente, mas especialmente na América do Sul e na África. O catolicismo popular e os cultos afro-brasileiros sempre estiveram e ainda continuam presentes no futebol. Sapos e galinhas enterrados nos estádios adversários para que ali não se façam gols, oferendas mágicas (despachos de macumba) nas esquinas antes de jogos importantes e visitas de jogadores a casas de cultos afro-brasileiros eram comuns no passado e ainda são atos recorrentes que buscam uma proteção espiritual superior. Mas todos esses atos eram e são cercados de segredo, pois a religião oficial dos clubes brasileiros é a católica. Há capelas católicas em muitos estádios. O que aparece divulgado na imprensa, quando uma equipe procura um lugar sagrado coletivamente, na maioria das vezes guiada pelo treinador, é numa igreja católica. Mas é sabido que os jogadores procuram suporte espiritual também em cultos afro-brasileiros. Historicamente, os massagistas tiveram o papel de fazer a mediação entre os jogadores de futebol e os cultos afro-brasileiros, o que talvez se deva por sua origem social comum.

Embora não leiamos nada sobre esse tipo de prática na imprensa, é bem provável que atualmente continue a acontecer, numa escala menor, envolvendo menos jogadores. Sabemos com certeza que outros gestos mágicos continuam a ser praticados por um a cada dois

¹ Professora do Departamento de Antropologia/UFSC - rial@cfh.ufsc.br

jogadores brasileiros, como tocar a grama com a mão antes de entrar no campo, entrar no gramado sempre com o pé direito, chutar as traves do goleiro, etc.

“San Diego” Maradona

Durante minha pesquisa etnográfica, que me levou a clubes localizados em mais de dez países, encontrei muitos símbolos religiosos em vestiários de diferentes estádios pelo mundo: imagens de Cristo e especialmente da Virgem Maria, algumas delicadamente envolvidas com panos azuis (como no pátio interno do clube Paysandu em Belém), outras mostrando o rosto de um Jesus sofredor ornado com uma coroa de espinhos ensanguentada (clube Seville, de Sevilha). Alguns jogadores ascendem a uma condição sagrada aparecendo em pôsteres, nas paredes de bares e nos quartos de jovens. Li manchetes como “Deus vive na Catalunha” no jornal francês L'Equipe, o mais importante jornal de esportes francês, referindo-se a Messi. “Sem o Messias não há milagres”, clamou outra manchete um dia depois que o Barcelona perdeu para o Bayern na semifinal da Champions League em 2013. Esse jogo de palavras eu encontrei em muitos jornais ao redor do mundo. Outro jogador argentino, Maradona, recebeu esse nível de consagração e ainda mais com a fundação da Igreja Maradonista. Encontrei “templos” para Maradona nas ruas de Nápoles, com sua foto ao lado de Santo Expedito e outras santidades católicas, logo abaixo, “San Diego” e “Capello de Diego Miraculoso Maradona”. Poderia ainda continuar descrevendo o templo localizado no túnel de acesso ao campo de jogo do Camp Nou, em Barcelona, ou ainda mais surpreendente, um grande memorial onde os torcedores fanáticos do Atlético podem descansar em paz para sempre, suas cinzas mortais sendo colocadas nas paredes do estádio Sanchez Pijun, num memorial que está a metros distante do campo. Agora, o que tenho procurado explorar na relação entre religião e futebol não é exatamente isso. O que é novo na relação entre futebol/religião – e sobre o que tenho escrito – é a presença do neopentecostalismo no futebol. Isso coincide com o aumento meteórico das igrejas evangélicas no Brasil.

IHU On-Line – Dentro da perspectiva brasileira, como podemos compreender esse nexos?

Carmen Rial – Como ia dizendo, o nexos atualmente tem como centro o neopentecostalismo. Essa presença coincide com a virada neopentecostal. De acordo com o senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, um em cada cinco brasileiros são agora “evangélicos”. Em outras palavras, 4,3 milhões de pessoas, ou 22,2% da população brasileira. A maioria desses evangélicos é formada por neopentecostais. Lembrando: o movimento pentecostal iniciado nos EUA foi introduzido no Brasil a partir de 1910, pela Congregação Cristã, e pela Assembleia de Deus, em 1911. Essas deram origem, nos anos 1950, a outras igrejas, como a Igreja do Quadrangular, Brasil em Cristo, e Deus é Amor, que datam de 1962. Essas denominações tiveram um crescimento muito rápido, que coincidiu com o crescimento da população urbana.

Em meados dos anos 1970, pastores brasileiros criaram o que ficou reconhecido como as congregações neopentecostais: Sara nossa Terra, Igreja Universal do Reino de Deus, de 1977, Renascer em Cristo, de 1986, Bola de Neve, no ano 2000, etc. Como explicar essa expansão? Bem, o Brasil tem experimentado um próspero momento de crescimento econômico nos últimos anos, em grande medida graças à exportação das chamadas commodities (mercadorias com cotação internacional, como minérios ou produtos agrícolas) e ao seu bom preço no mercado global. Com uma política de distribuição de riqueza sustentada

por impostos, a economia do País teve êxito em tirar 52 milhões de pessoas da pobreza e em integrá-las numa nova classe média baixa com diferentes padrões de consumo e expectativas de vida.

Ainda assim, enormes desigualdades econômicas permanecem. E ao mesmo tempo observamos um forte movimento de deslocamento em direção aos centros urbanos, para as grandes capitais, mas também desde os anos 1980, para o exterior. Esses emigrantes enfrentam novos desafios no exterior, e as práticas religiosas funcionam como um alívio num contexto nem sempre cordial.

Teologia da prosperidade

A maioria dos neopentecostais está situada economicamente entre os integrantes da baixa classe média. As práticas neopentecostais parecem lhes dar suporte para enfrentar novas realidades na sociedade, como a competição no trabalho e na escola, ao mesmo tempo em que permitem que gozem seus novos status, seus novos bens de consumo, sem culpa. É o caso dos jogadores de futebol. A doutrina conhecida como Teologia da Prosperidade está na base das igrejas evangélicas que tiveram maior sucesso no Brasil. Assim, a Modernidade não apenas não acabou com a religião, como previam alguns, mas a reforçou, como é o caso do neopentecostalismo.

IHU On-Line – Como podemos compreender o fenômeno dos jogadores de futebol como novos missionários na diáspora das religiões brasileiras?

Carmen Rial – Tornar-se um pastor evangélico é o sonho de muitos jovens pelo País e uma possível carreira para um ex-jogador de futebol. Cursos intensivos são oferecidos por algumas dessas igrejas neopentecostais, por menos de 500 reais e duram apenas alguns dias. Um pastor neopentecostal talentoso pode fazer mais de 11 mil reais por mês nessas igrejas.

Todas as denominações neopentecostais têm a missão de converter o mundo à sua crença. Para alcançar esse objetivo, elas estão sendo administradas como se fossem um negócio e fazem extenso uso dos meios de comunicação de massa. É também por meio desses meios que as religiões neopentecostais brasileiras foram disseminadas entre a diáspora brasileira não exclusiva mas principalmente por meio dos canais de mídia.

Durante meu trabalho de campo, notei que jogadores na Espanha, Holanda, França, Japão, Canadá e Marrocos assistiam ao canal de televisão brasileira Record todos os dias. Também a Globo, mas a Record tem essa presença religiosa mais marcada. Ela está presente em mais de 80 países; é um poderoso canal de disseminação dos preceitos da Igreja Universal do Reino de Deus.

Na pesquisa, notei também que os jogadores faziam constantes referências a Deus e a Jesus, em suas entrevistas com a mídia. Muitas frases ou comentários que começam ou terminam com a “vontade de Deus” ou “obrigado, Deus”, além de gestos em campo de agradecimento a Deus, e de inscrições de palavras sagradas em suas camisetas (“Deus é minha força”, “Obrigado Jesus”). Isso faz com que, constantemente, os fãs no estádio e a audiência da televisão sejam lembrados sobre a importância de Deus. Essas imagens transmitidas para a audiência global de televisão promovem mundialmente a fé e se estabelecem como topos visuais repetidos toda vez que um time brasileiro vence um campeonato.

IHU On-Line – Quais são os países nos quais esse neopentecostalismo tem sido professado pelos atletas?

Carmen Rial – As igrejas pentecostais estão presentes em cerca de 200 países no mundo, e os futebolistas brasileiros, presencialmente ou via mídia, estão em todos. Minha pesquisa com os jogadores levou-me a 15 países - Espanha (Sevilha, Madri, Barcelona), Canadá (Toronto), Holanda (Almelo, Groningen, Alkmaar, Rotterdam e Amsterdam), Japão (Tóquio); França (Lyon, Le Mans, Nancy e Lille), Mônaco, Bélgica (Charleroi), Grécia (Athens), China (Honk-Kong), Índia (Nova Delhi e Bombaim); Singapura, Austrália (Perth, Adelaide, Melbourne, Sidney), Coreia do Sul (Seul); Marrocos (Marrakesh); Uruguai (Montevideo) e Brasil (Fortaleza, Salvador e Belém) - , e em todos havia a presença de jogadores que tinham na fé uma aliada para a saudade, o ambiente competitivo profissional, às vezes hostil, e a solidão.

IHU On-Line – Em que medida a imigração é um fator importante para compreender a transnacionalização?

Carmen Rial – Imigração/emigração e transnacionalismo são conceitos que devem ser usados com cuidado. Nem todo o deslocamento para o exterior pode ser classificado de emigração e nem toda a entrada num país pode ser considerada imigração. Os jogadores com que conversei moram no exterior, mas não se consideram e não são vistos como imigrantes nos países de acolhimento. Imigrantes são os pobres, os que chegam sem documento, os que fazem trabalhos manuais que os trabalhadores locais recusam, ou aceitam, mas por salários maiores. Já transnacionalização é um fenômeno próprio dos processos de globalização que aponta para o ultrapassar fronteiras nacionais (que continuam existindo, as nações continuam fortes, assim como o sentimento nacional). Imigrantes transnacionais (também chamados de transmigrantes) são pessoas que se deslocaram de um país para outro, mas continuam mantendo fortes laços com a nação de origem. É o caso de grande parte dos cerca de 3,5 milhões de emigrantes brasileiros, hoje, que vivem no exterior e que continuam em contato diário com o Brasil pelas redes Globo e Record, pelo Skype, pela internet de modo geral, frequentando restaurantes brasileiros e igrejas brasileiras.

IHU On-Line – Qual é o nexos que une esses atletas ao neopentecostalismo?

Carmen Rial – A religião (ou melhor, a fé, como muitos me disseram, não se trata de uma religião, mas de ter fé) oferece ao jogador de futebol força extra e habilidade de expandir os limites de seus corpos e resistência, como o antropólogo Marcel Mauss já nos ensinou em um texto muito famoso: “As técnicas corporais”. Para os que vivem no exterior, a religião fornece uma forte fundação de ajuda para suportar o sacrifício de estar distante de um Brasil imaginado, de suas famílias e amigos de infância, da saudade de ambientes de solidariedade e autenticidade. Ato religiosos são como instrumentos para gerir a fama e a fortuna, que, se mal gerenciados, podem levar tanto para uma carreira curta no futebol como para a perda da alma. O neopentecostalismo oferece uma cosmologia capaz de integrar as novas experiências de vida desses jogadores (experiência de viver no exterior, de solidão) assim como possibilita, para os jogadores-celebridades, viver como milionários sem culpa. Ao contrário do catolicismo, que prega a simplicidade e concentra-se na vida após a morte, o neopentecostalismo faz das riquezas materiais prova de um bom diálogo com Deus.

IHU On-Line – Qual é a relação entre a autodisciplina e a Teologia da Prosperidade professada nesses credos?

Carmen Rial – A adesão de milionários do futebol às igrejas neopentecostais coincide com a adoção da Teologia da Prosperidade nos anos 1970 pelas igrejas pentecostais brasileiras. Até então, seguidores do pentecostalismo, autodeclarados “crentes”, eram conhecidos por sua adoção a certas normas rígidas de conduta. Eles eram proibidos de desfrutarem prazer nesta vida, como beber álcool, escutar música, assistir à televisão e fazer sexo antes do casamento. Esportes e apostas estavam entre as atividades proibidas. A Teologia da Prosperidade, contudo, pregou que o crente tinha o direito de aproveitar sua felicidade na Terra, e que eles poderiam buscar sucesso financeiro e usufruir disso. As novas denominações pentecostais, as neopentecostais, agregaram princípios de autoajuda e controle mental (pensamento positivo) à sua pregação bíblica. Os crentes estavam agora livres para expressar a si mesmos pelo consumo de bens, música e esportes, integrando esses prazeres na sua vida cotidiana.

IHU On-Line – Em que sentido o futebol serve como um palco para a pregação?

Carmen Rial – Levantar suas mãos ao céu para celebrar um gol, ajoelhar-se após fazer um gol ou proferir alguma bênção depois de errar o gol por pouco são também atitudes muito comuns. Por exemplo, depois do apito final da Copa do Mundo de 2002, vencida pelo Brasil, Kaká tirou sua camisa para revelar sob ela outra onde se lia “Eu pertenço a Jesus”. E repetiu um gesto semelhante em Milão, em 2004, quando venceu o Scudetto e no triunfo da Champions League, em 2007. Ele também tem essa mesma frase, acompanhada de “Deu é Fiel”, gravada nas suas chuteiras.

Essas imagens são propagadas pelos canais da mídia (no que um antropólogo indiano, Arjun Appadurai, chama de mediascape). Esses gestos simbólicos promovem crenças religiosas em escala global, como um tipo de “religiosidade banal” – se posso pegar emprestado o termo de “nacionalismo banal” cunhado por Billig (1995), claro, inspirado em Hannah Arendt, que falou em violência banal para se referir às práticas neonazistas, onde as maiores atrocidades eram cometidas burocraticamente, sem grandes ódios ou sentimentos exacerbados. O “nacionalismo banal” é um sentimento de pertencimento a uma nação, feito diariamente, por meio de representações da nação – como bandeiras ou o cantar de hinos. Eles silenciosamente se infiltram na vida diária de milhões de espectadores, como algo sem importância, mas que vão construindo esse sentimento religioso entre os espectadores, do mesmo modo que o nacionalismo é construído por uma bandeira “pendurada e sem ser notada num prédio público”.

IHU On-Line – Na perspectiva de seus estudos, qual é o sentido das expressões “ovo do Diabo” e “religiosidade banal”?

Carmen Rial – Ovo do Diabo era como os “crentes” – fiéis das igrejas pentecostais clássicas, como a Assembleia de Deus – chamavam a bola de futebol (ou de outro esporte), já que os jogos e divertimentos em geral lhes eram proibidos, “coisa do Diabo”. Religiosidade banal é um modo de classificar essas práticas que têm um fundamento religioso, mas que são realizadas fora dos templos, sem os rituais característicos das religiões. São práticas que se infiltram na vida das pessoas quando estão usufruindo uma atividade que nada tem a ver – em

princípio – com a religião, como é o caso do futebol. Por isso “banal”, no sentido que Arendt deu ao termo, de algo silencioso, mas nem por isso menos eficiente. Esta religiosidade banal transmite-se através da mídia e tem o potencial de fazer aumentar o contingente de crentes. Nesse sentido, os jogadores de futebol são “soldados” da fé, “pastores” globais que também sustentam financeiramente as igrejas neopentecostais, pagando o dízimo – se não decidirem por eles mesmos abrirem uma Igreja, como foi o caso de Jorginho, em Munique (Alemanha), e passarem a ser empresários missionários.